

Religiões Afro-Brasileiras e Saúde: diversidade e semelhanças¹

Mundicarmo M. R. Ferretti - antropóloga

1. Introdução

No Brasil existe uma grande ligação entre saúde e religião porque a maioria das pessoas considera a doença como algo causado tanto por fatores materiais (vírus, micróbios) como por fatores espirituais (agentes sobrenaturais: espíritos, encantados, santos - castigos, provações, falta de proteção, encosto etc) e por fatores mágicos (malefícios causados por magia, bruxaria, feitiço) e também porque se acredita na ação do sagrado na prevenção e na cura de enfermidades. Por essa razão, as igrejas, os terreiros, os centros espíritas, as residências de pajés e curadores são diariamente procuradas por pessoas atormentadas por males diversos.

Pesquisa interdepartamental realizada na UFRN, por volta de 1980, em Mãe Luisa, bairro proletário de Natal, mostrou que e os adeptos das religiões afro-brasileiras classificavam a doença em duas grandes categorias (FERRETTI, M.1988):

1) doença física (como: erisipela, congestão), tratada por médico (medicina oficial) e pela medicina popular (medicina alternativa, exercida por muitas pessoas com funções religiosas como: padres, pastores, pais e mães-de-santo);

2) doença espiritual, tratada pelo terreiro, que pode se manifestar por: desmaios, insônia, dor de cabeça, paralisias, perdas de voz ou de visão, nervoso, loucura, violência, alcoolismo, vadiagem, etc. Algumas das doenças que integram essa categoria são às vezes tratadas pela Medicina, Psicologia e Psicanálise como neurose, psicose ou são encaradas pela sociedade mais ampla como criminalidade. No Maranhão as doenças interpretadas como manifestação mediúnica, encosto, quebranto, mau olhado, malefício ou feitiço são tratadas nos terreiros e por rezadeiras, benzedeiras, pajés e curadores (que às vezes são também pais-de-santo).

Como as doenças nunca são consideradas exclusivamente físicas ou espirituais, os doentes que procuram os terreiros de religiões afro-brasileiras podem ser tratados ao mesmo tempo por clínicos e por especialistas religiosos. Por essa razão também os pais-de-santo e curadores ou pajés fazem uso de orações, benzimentos, passes e também de remédios caseiros e, não raramente, de medicamentos produzidos pela indústria farmacêutica. Embora alguns pais-de-santo sejam formados em cursos da área biomédica ou trabalhem em instituições oficiais de saúde, geralmente como enfermeiros ou auxiliares de enfermagem, a maioria não tem grandes conhecimentos de medicina científica. Entretanto, muitos deles têm grande competência em medicina popular (fitoterápica, por exemplo).

Apesar da existência de conflitos entre a medicina científica e a popular, nos terreiros as duas são geralmente encaradas como complementares. Não raramente os pais-de-santo, depois de cuidarem dos problemas espirituais e de receitarem ou prepararem algum remédio, encaminham os clientes a médicos ou aos postos de saúde. Embora com menor frequência, alguns médiuns informam que foram encaminhados a

¹ Apresentado no II Seminário Nacional: Religiões afro-brasileiras e saúde. São Luís, 20-23/03/2003 - Praia Mar Hotel. Publicado em Silva, José Marmo da. *Religiões afro-brasileiras e saúde*. São Luís: CCN-MA, 2003; Retoma trabalho apresentado em seminário realizado pelo INTECAB-MA, na Casa das Minas, de 09-10/11/1991, com o título "Medicina caseira e religião afro-brasileira".

terreiros por médicos ou que foram apoiados por eles na sua decisão de procurar também tratamento espiritual para se libertarem de certas doenças e perturbações².

No Maranhão, os terreiros de religião afro-brasileira são muito procurados por pessoas afligidas pelas mais diversas enfermidades. Alguns pais-de-santo vêm o atendimento a essas pessoas como uma “missão” e não cobram nada por ele. Outros cobram apenas o que gastaram realizando o tratamento (com velas, contas, ervas, animais etc) e consideram o seu esse trabalho como uma retribuição de uma graça ou de um dom recebidos gratuitamente (devem “dar de graça o que receberam de graça”). Já outros assumem aquele trabalho como uma “atividade profissional” como outra qualquer, de onde procuram tirar o seu sustento ou parte dele e às vezes têm uma tabela de preços estipulados para alguns dos seus serviços.

Remunerada ou não a atividade terapêutica exercida por pais-de-santo e outros especialistas religiosos nem sempre foi vista com “bons olhos” pelas autoridades, principalmente as de pais-de-santo, pajés e curadores. Por causa dela no passado muitos pais-de-santo foram taxados de exploradores, acusados de charlatanismo e muitos terreiros foram invadidos pela Polícia, tiveram seus objetos sagrados profanados e confiscados, como ocorreu várias vezes em São Luís e em Codó, onde devido à repressão policial, muitos rituais de terecô (religião afro-brasileira) eram realizados às margens da Lagoa do Pajeleiro, em cujas águas eram jogados tudo o que não se podia carregar em caso de fuga (FERRETTI, M 2001)³.

No Maranhão a perseguição foi maior a pajés e curadores do que a pais-de-santo e parece que, em todo o Brasil, foi mais direcionada aos chamados terreiros de caboclos ou sincréticos, onde a prática terapêutica costuma ser mais desenvolvida, do que aos terreiros de “nação” africana. A análise de Códigos de Postura Municipais maranhenses mostra que no final de século XIX (Codó, 1848, Guimarães, 1856) a repressão policial foi direcionada especialmente aos denominados pajés, procurados para “tirar feitiço”, e mostra também que entre eles havia negros livres e escravos.

A repressão a terreiros, a pajés e curadores provocou no Maranhão, na década de 40 do século XX, a transferência de muitos deles para a periferia da cidade e levou à transformação de muitos pajés e curadores em “mineiros”. Fala-se em São Luís que, como a repressão era maior aos pajés e curadores, muitos deles passaram a realizar rituais com tambor e a se apresentar como “mineiros” (sacerdotes de Mina - religião afro-brasileira típica do Maranhão), tal como foi registrado por Octávio da Costa Eduardo, que realizou pesquisa em São Luís e Codó em 1943 e 1944 (EDUARDO, 19448), e como continua a ser lembrado em São Luís. Fala-se ainda que naqueles terreiros de curadores, os 'toques' eram realizados mais para desviar as atenções dos atendimentos a clientes, que ocorriam ali na mesma hora, em outro local da casa, do que em louvor a entidades espirituais (santos, voduns e encantados não africanos), como os que ocorriam nos terreiros de mina tradicionais.

² Há muitos anos, um médico, que acompanhava uma pessoa agonizante na Casa das Minas, me explicou que não é fácil para um médico realizar pesquisa sobre medicina popular ou utilizar os seus conhecimentos, sem ficar mal visto entre os colegas, pois os médicos costumam dizer que dão freqüentemente atendimento de emergência a pessoas gravemente intoxicadas por purgantes, administrados por curadores e outros especialistas da medicina popular, e costumam considerar tudo o que é relacionado com medicina popular ou alternativa como: crendice, superstição, mistificação e exploração da boa-fé do público.

³ Muitos dos objetos apreendidos em terreiros podem ser vistos em museus, como os da Coleção Perseverança, confiscados em 1912, em Alagoas, e os apreendidos em Recife, doado em 1938 à Missão de Pesquisa Folclórica, e hoje expostos no Centro Cultural São Paulo, em São Paulo.

2. As terapias realizadas nos terreiros maranhenses

Como vimos anteriormente, embora os terreiros sejam instituições religiosas (casas de culto) e não instituições da área de saúde, os pais-de-santo e outros iniciados, costumam atuar no campo da medicina popular ou alternativa, tal como também ocorre com sacerdotes e pastores da Igreja Católica, de Igrejas evangélicas e de outras. Apesar de, no Maranhão, só se costumar falar em consulta nos terreiros onde o pai ou mãe-de-santo tem linha de cura (é também pajé ou curador) e nos terreiros de Mina mais tradicionais não haver horário para consulta, nem nos dias de toque (com os encantados), nem em outras ocasiões (com os pais-de-santo), depois dos toques, as pessoas do terreiro ou da “assistência” podem falar com os vodum ou caboclo e, durante a semana, podem procurar o pai ou mãe-de-santo ou a uma outra pessoa da casa em busca de ajuda na solução de seus problemas de saúde e outros.

Os terreiros, embora procurados para a cura de enfermidades, às vezes já há muito tratadas por médicos, são considerados muito importantes na prevenção de doenças, uma vez que sabem como aumentar a proteção do 'anjo de guarda' (protetor espiritual) das pessoas. 'Obrigações' (oferendas), preparação de 'guia' ou fio de conta, 'patuás', banhos de limpeza, defumação etc. são alguns dos procedimentos usados para aumentar a proteção espiritual e afastar o mal.

No Maranhão, as entidades espirituais invocadas como defensoras da peste, como é o caso de São Sebastião e Xapanã, e da lepra, como o vodum Acossi, sincretizado com São Lázaro, tem muitos devotos. As festas realizadas nos terreiros de São Luís para São Sebastião, as obrigações para Acossi e outras entidades de sua família ou corrente são das mais concorridas. Nos dias 19, 20 e 21 de janeiro, quando se festeja São Sebastião, o refrão: “livrai-nos da peste, glorioso mártir, São Sebastião” é repetido muitas vezes, em muitos terreiros e por muitas pessoas. Do mesmo modo, a obrigação realizada na Casa das Minas para os voduns da família de Acossi atrai grande número de pessoas. E, apesar de todos ali tomarem as várias bebidas rituais usando as mesmas cuias e de todos tocarem o dedo no dendê colocado em um prato e o levarem a boca três vezes, os que participam daquela obrigação saem da Casa com a convicção de que estão mais imunizados contra as doenças do que os que dela não participaram.

As terapias realizadas nos terreiros são muito variadas, pois, além dos problemas trazidos aos pais-de-santo serem muito diversos, as formas de diagnóstico e de tratamento variam de uma tradição religiosa para outra e de terreiro para terreiro. As da Mina-jeje, por exemplo, são diferentes das utilizadas na Mina-Nagô, no Terecô (linha de Codó), na Cura/Pajelança, na Umbanda e no Candomblé. Embora muitos dos atendimentos realizados nos terreiros sejam feitos por encantados, isto é, por médiuns em transe, e cada um deles ou cada categoria de encantado tenha a sua forma tradicional de 'trabalhar', freqüentemente introduzem procedimentos e remédios novos. Alguns encantados curam mais com passes ou vibrações, outros com banhos ou garrafadas. Uns prescrevem remédios para problemas específicos, outros procuram atacar ao mesmo tempo os principais problemas das pessoas.

Muitos remédios feitos no terreiro são aplicados apenas a médiuns e, geralmente, aos que se considera que tem encantado da mesma linha dos que foram assentados na casa ou dos que são recebidos pelo pai ou mãe-de-santo, como é o caso das “lavagens de cabeça” e bori. Geralmente esses remédios são feitos longe dos olhos

de curiosos, pois não podem ser aplicados por qualquer um e, se forem administrados de forma errada, podem causar sérios danos à pessoa.

A preparação e aplicação de medicamento de terreiro é, geralmente muito complicada. Nos terreiros, embora se acredite nas propriedades terapêuticas das ervas utilizadas nos tratamentos, acredita-se também que o seu poder pode ser 'potencializado' pela força espiritual - daí porque muitos remédios ficam horas no quarto de santo, porque se reza ou se canta durante a sua preparação -, e que a sua força é maior quando feito ou aplicado por pessoa que tem muito 'axé'. Os tratamentos realizados nos terreiros geralmente exigem alguma atividade posterior. Como nos explicou uma mãe-de-santo de Natal, nos casos de alcoolismo, não basta se fazer uma oferenda para Exú, à pessoa tem que ter resguardo, ficar em casa, longe de botequim. Os tratamentos criam geralmente um vínculo da pessoa com a casa, quer por gratidão, quer por necessidade de reforço (FERRETTI, M. 1988).

Muitos dos procedimentos terapêuticos utilizados nos terreiros não tem ação direta sobre o organismo, como é o caso das preces, das luzes acendidas para um santo ou anjo de guarda e das obrigações dadas pelos médiuns aos 'donos' de suas cabeças ou aos seus 'guias' (oferendas colocadas no quarto do santo, na mata, no pé de uma árvore, pedreira, cachoeira, poço, no mar, nos rios, nas encruzilhadas, no cemitério, etc). Mas, como dão mais segurança ou confiança na pessoa e aumentando a sua autoconfiança, ajudam no seu restabelecimento e possibilitam uma melhor resposta a tratamentos da medicina científica realizados (maior absorção dos medicamentos, etc.).

3. Conclusão

Para concluir, gostaria de dizer que:

1) os terreiros são detentores de um saber no campo da saúde recebido de ancestrais africanos e afro-descendentes, que é reconhecido e buscado por parcela significativa da sociedade, e esse saber tem se apresentado mais acessível às camadas de baixa renda do que a medicina científica e o sistema oficial de saúde;

2) os terreiros podem ser grandes colaboradores do sistema oficial de saúde, fazendo chegar a muitos as informações científicas e adotando medidas preventivas recomendadas pela medicina científica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, José Flávio de e TEIXEIRA, Maria Lina L. O código do corpo: inscrições dos orixás. In: MOURA, Carlos Eugênio M. de Meu sinal está no teu corpo: escritos sobre a religião dos orixás. S. Paulo, EDICON/EDUSP, 1989.

FERRETTI, Mundicarmo M. R. Religião afro-brasileira como resposta às aflições. Caderno de Pesquisa, UFMA, S. Luís, v.4,n.1,p.87-97, jan./jun.1988.

----- Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra?. São Paulo, Siciliano, 2001.

MAGGIE, Yvonne. Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.